



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANA LUIZA VIEIRA PEREIRA

**A EJA E A CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO SUJEITO: BUSCANDO A
PERSPECTIVA DOCENTE**

**FORTALEZA - CE
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANA LUIZA VIEIRA PEREIRA

**A EJA E A CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO SUJEITO: BUSCANDO A
PERSPECTIVA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará.

Orientador:
Prof Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro

FORTALEZA - CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P489e Pereira, Ana Luiza Vieira.
A EJA E A CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO SUJEITO: BUSCANDO A PERSPECTIVA
DOCENTE / Ana Luiza Vieira Pereira. – 2016.
47 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.
1. DOCENTES. 2. REFLEXÕES. 3. EJA. I. Título.

CDD 370|

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

ANA LUIZA VIEIRA PEREIRA

**A EJA E A CONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO SUJEITO: BUSCANDO
A PERSPECTIVA DOCENTE**

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

Orientador: Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

Aprovada em 14 de julho de 2016 pela seguinte banca examinadora:

Luís Távora Furtado Ribeiro

Francisca Maurilene do Carmo

Josefa Jackeline Rabelo

Maria das Dores Mendes Segundo

FORTALEZA – CE

2016

AGRADECIMENTOS

"Nós fazemos planos, mas esses planos só poderão acontecer quando forem compatíveis com o propósito de Deus. Nenhum plano é capaz de prevalecer contra Ele. Ninguém é capaz de endireitar aquilo que Ele fez torto ou entortar aquilo que ele fez reto. Nenhum imperador, rei, supervisor, professor ou técnico é capaz de falar e fazer acontecer se o senhor não tiver primeiro decretado, fazendo isso acontecer ou permitindo que isso aconteça. Ninguém pode dizer: "Farei isto ou aquilo se não for a vontade soberana de Deus" (Bridges, 2013, p.45).

Louvo e agradeço a Deus por conduzir meus passos até aqui. Vou contar a história de como tudo começou. Concluí o terceiro ano do Ensino Médio sem definir o curso que faria. Muitas dúvidas pairavam. Deus permitiu que no ano de 2010 (o ano que eu faria o vestibular) o Enem se tornasse ingresso para qualquer estudante entrar na Universidade Pública e assim, permitiu também que a minha nota desse para pedagogia... Quando eu recebi a aprovação não estava muito certa se era isso o que eu queria pra minha vida, apesar do grande apoio que recebi dos meus pais Fábio e Maria Iran e dos meus irmãos Luiz, Caroline e Rildo. Louvo a Deus pela vida deles.

Mas Deus soberano já havia determinado me deu logo no início do curso oportunidade de estagiar numa escola como auxiliar da educação infantil. Nesse estágio foi onde me encontrei e hoje posso dizer com toda certeza que me sinto contente e satisfeita com os planos de Deus pra minha vida e grata por Ele me permitir influenciar e fazer parte da vida educacional de seres tão pequenos. Os planos de Deus foram realmente bem maiores do que eu sonhei pra minha vida.

Quero agradecer à minha avó Maria Luiza (em memória), que foi grande incentivadora durante a minha adolescência para que eu mantivesse o foco nos estudos.

Gostaria de agradecer ao professor Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro que orientou esse Trabalho de Conclusão de Curso com tanto amor e dedicação, às professoras Francisca Maurilene do Carmo, Josefa Jackeline Rabelo e Maria das Dores Mendes que fizeram partes da minha banca examinadora e a todos os mestres que muito colaboraram para a minha formação.

Agradecer também aos meus amigos da faculdade, da igreja e do trabalho que me ajudaram em oração sempre que precisei.

Grata a Deus porque sei que nenhum detalhe da minha vida foi insignificante demais para sua atenção e por saber que nenhuma circunstância foi grande demais a ponto de ele não ser capaz de controlá-la. Que Ele continue conduzindo os meus passos até o fim...

“Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucro. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como a neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo”. (Tg 4: 13:15)

“Dirige-me pelo caminho dos teus mandamentos, pois nele encontro satisfação.”(Sl 119: 35)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	0
1.1 Composição do trabalho	09
1.2 Objetivo geral	09
1.3 Objetivos específicos	Erro! Indicador não definido.0
1.4 Justificativa.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Breve resgate da história da Educação de Jovens e Adultos	20
2.2 Dialogando sobre a prática docente	24
2.3 Reflexões sobre a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e o papel do professor.....	27
2.4 Os caminhos e desafios na formação de educadores de Jovens e Adultos e o seu papel da educação da EJA.....	29
3. METODOLOGIA	32
3.1 A pesquisa participante enquanto técnica de investigação	32
3.1.1 Observação participante	33
3.1.2 A importância do registro no Diário de campo	34
4. ESTUDO DE CASO	35
4.1 Descrição da pesquisa exploratória.....	35
4.2 Descrição de processos históricos da Escola	35
4.3 Entrevistas com docentes da EJA	38
4.3.1 Observação na sala de aula de EJA 3	39
4.3.2 Entrevista com a professora sala EJA 3	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Erro! Indicador não definido.6

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o trabalho dos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Santo Inácio, em Fortaleza (CE) observando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas por eles para a permanência do grupo em sala de aula. Como metodologia será utilizada a pesquisa participante – com entrevistas individuais com docentes da Instituição, seguida de observação participante em sala de aula e diário de campo. Como fundamentação teórica foram feitos estudos de materiais de Freire (2015), Brandão (1984), Libâneo (2000), Oliveira (1999), Pimenta (2009), entre outros autores referenciais da EJA. Pretendendo assim, através desse Trabalho de Conclusão de Curso, descrever as observações feitas e aprofundar o conhecimento, levantando reflexões sobre ações concretas que foram realizadas no Colégio Santo Inácio. Conclui-se que, a reflexão crítica sobre a prática docente e sobre o conteúdo dos currículos oferecidos deve ser algo cotidiano, do contrário a escola continuará sem sentido para alguns discentes que passaram por seus bancos. O docente como mediador desse processo, deve criar possibilidades para despontar a produção ou construção do conhecimento, a fim de incentivar também a percepção dos conhecimentos que fazem parte de seu contexto sociocultural, dando ênfase ao seu significado no processo de assimilação dos saberes escolares.

Palavras-chaves: docentes, reflexões, EJA.

ABSTRAT

This study has as goal to analyse the work of teachers in Young and Adult Education (in portuguese, the abreviation is EJA) in Santo Inacio School, in Fortaleza, state of Ceará, looking to the didatic and pedagogic strategics used by them to encourage the students to remain on classes. The methodology choosen is a participant search, with individual interviews with teachers of the school, following it with an participant observation in the classroom and in a camp routine. As theoretical fundamentation were made study on the works of Freire (2015), Oliveira (1999), Pimenta (2009) and anothers referencial authors in EJA. The intention is, through this work, to describe the observations made and deepen in the knowledge, rising questions about concret actions thar were tested in Santo Inacio School. Finally, the critic reflection about the teacher pratic and about the content of curricula offered need to be something daily, otherwise the school will remain without purpose to some students. The teacher, as a mediator of this process, needs to creat possibilities to dawn the production or building of the knowledge, to also incentivate the perception of the knowledge that will be part of the social and cultural context, giving emphasis to its meaning to the process of assimilation of the school knowledges.

Key-words: teachers, reflection, EJA.

1. INTRODUÇÃO

1.1. COMPOSIÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o trabalho dos professores da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola da Rede Privada de Fortaleza, observando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas pelos docentes para a permanência do grupo em sala de aula.

Na fundamentação teórica, farei um breve resgate da história da EJA e de como ela se constituiu em nosso país como Modalidade de Ensino. Buscarei me aprofundar nas teorias educacionais que sustentaram o olhar para a Educação de Jovens e Adultas.

Levantarei reflexões sobre a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e o papel do professor no contexto da EJA, buscando focalizar o que aprendem sobre a sua formação em curso e o que fazem para a permanência dos alunos em sala de aula.

O instrumento utilizado para a pesquisa de campo será a pesquisa participante – com entrevistas individuais com docentes da Instituição, seguido de observação participante em sala de aula e diário de campo, que serão mais bem exemplificadas na metodologia do trabalho.

No capítulo seguinte à metodologia farei a descrição do estudo de caso, da pesquisa exploratória, descrevendo sobre a história da escola desde sua fundação até os dias atuais e explicando como ela se constituiu como escola filantrópica.

No estudo de caso, farei a descrição de processos históricos da Escola obtidos através de observação e entrevistas, seguidas de uma descrição da observação feita na turma de EJA III, durante a aula de Língua Portuguesa e, ao longo de todo o trabalho, colocarei falas e comentários dos professores entrevistados.

1.2. OBJETIVO GERAL

Analisar o trabalho dos profissionais da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Santo Inácio, observando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas por eles para a permanência do grupo em sala de aula.

1.3.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Historiar como se constituiu em nosso país a EJA como Modalidade de Ensino e que teorias educacionais sustentaram esse olhar para a Educação de Jovens e Adultos.
- Produzir reflexões sobre a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.
- Levantar os saberes docentes no contexto do EJA, buscando focalizar o que aprendem sobre a sua formação em curso.

1.4. JUSTIFICATIVA

É dever do Estado, através da educação, garantir ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade própria, de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil – CFB (BRASIL, 1998). Nesse sentido, constatamos que a Constituição prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, além de garantir o direito à escola a todos e “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (art. 206).

No entanto, consoante pode atestar minha experiência no universo educacional, o número de analfabetos existente no país ainda hoje é reflexo de um processo histórico que interferiu de forma negativa na educação dessas pessoas. Isso gerou uma sobreposição de métodos ultrapassados na seleção de conteúdos programáticos, muitas vezes fragmentados e desligados da vida dos indivíduos.

O tema do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso foi escolhido a partir de uma aproximação com a realidade que eu vivera através de um estágio no Colégio Santo Inácio em Fortaleza- o que despertou condições para reflexão da atividade docente, em especial sobre a relação teórica e prática pedagógica. Segundo relatos do coordenador 1 da Escola:

A Educação de Jovens e Adultos é um segmento muito importante, pois a gente tem que trabalhar uma forma de educação para um grupo seletivo de pessoas que já tem um histórico, uma herança cultural diferenciada, que já passou, geralmente, pela escola regular há muitos anos e que parou por conta da vida que tem e que hoje em dia tem que conciliar a vida pessoal com os estudos. Muitos alunos são pais de família que trabalham numa carga horária grande, de 8 até 12 horas de trabalho. A escola vê a EJA como uma educação que dá qualidade e respeito a essas pessoas, à vida que eles têm, à sua forma de trabalho, à luta. Se eles querem estar aqui estudando, é porque eles têm um objetivo. E o colégio Santo Inácio os vê como pessoas merecedoras de direitos e que deve receber uma educação de qualidade.

A atuação em campo, do estágio em questão, se deu no período de 23/03/2015 a 27/05/2015, no Colégio Santo Inácio, em Fortaleza. A metodologia e a pesquisa realizada nessa Instituição serão descritas ao longo desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Antes da atuação em campo, iniciei os estudos em sala de aula com textos que foram trazidos pelas professoras da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Ercília Braga e Maria José. Dentre eles, podemos destacar como referência alguns autores: Freire (2015), Lima (2004), Soares (2010), Jardimino (2014), entre outros.

O primeiro momento do estágio foi reservado para a realização de um diagnóstico sobre a escola. Primeiramente visitei as instalações físicas. Em seguida, realizei uma entrevista com coordenadores do noturno e com três professores da Escola, por último, os dois dias subsequentes serviram para observar a aula de uma turma que seria realizado o estágio, a turma de EJA III.

Dias seguintes, retornei à faculdade para socialização deste diagnóstico, realização de um estudo de caso com a professora Ercília e, em seguida, elaboração de aulas práticas para aplicar na turma.

O objetivo do estágio foi promover uma aproximação com a realidade que eu vivera como estudante de pedagogia, a fim de propiciar condições para reflexão da atividade docente a partir da relação teórico e prática.

A experiência no estágio no Colégio Santo Inácio aguçou um desejo em mim de fazer uma análise mais profunda sobre a EJA e sobre o papel do professor na construção educacional do sujeito. Pretendendo assim, através desse Trabalho de Conclusão de Curso, descrever as observações feitas durante o estágio, buscar embasamento em outros autores referenciais no assunto da EJA e aprofundar o conhecimento, levantando reflexões sobre as ações concretas que foram realizadas no Colégio Santo Inácio no período do estágio.

O Colégio Santo Inácio é uma instituição privada filantrópica* que demonstra interesse em investir na educação da classe de baixa renda, proporcionando estudos gratuitos para operários e trabalhadores domésticos da redondeza. A escola recebe alunos da EJA no turno noturno.

De acordo com a proposta da Escola, que está disponível no site eletrônico <http://www.santoinacio.com.br/noturno/>

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) assumido pelo Colégio Santo Inácio é fruto de uma opção de Responsabilidade Social que nossa instituição mantenedora faz a partir da necessidade de desenvolver um projeto de educação, que vislumbrando a transformação social de nossa sociedade, atenda aos reais interesses

* administrada por padres jesuítas.

da clientela alvo – alunos jovens e adultos trabalhadores e de baixa renda. Essa opção advém do fato de sermos uma escola da Companhia de Jesus, que desde muito tem percebido a “educação como parte e conteúdo integrante de sua ação evangelizadora, em continuação da missão do próprio Cristo Mestre” (Puebla).

O que chamou atenção nesse depoimento foi perceber a missão e disponibilidade da Escola em oferecer educação de qualidade para esses jovens e adultos trabalhadores e de baixa renda. Vale salientar que esse serviço educacional não é considerado pela instituição como uma obra de caridade e assistência, mas uma obrigação de justiça, inclusive para saldar uma dívida contraída junto à sociedade em geral e, em particular, pelas mesmas escolas católicas quando se elitizam.

Portanto, o Colégio Santo Inácio será o lócus da minha pesquisa, por ter sido um lugar onde realizei o estágio em pedagogia e também porque há a pretensão de capturar uma visão melhor sobre o papel do professor na educação de jovens e adultos, em suas especificidades, junto aos que estão inscritos na modalidade de EJA.

Com isso, o estudo não estará focado apenas na educação que esses jovens terão, mas também na preocupação que a escola tem de eles se tornarem seres sociais. Assim sendo, buscarei fazer uma análise inicial dos trabalhos dos professores com os jovens e adultos, observando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas, bem como a sua contribuição para incentivar a permanência do grupo em sala de aula.

Os sujeitos observados incutidos na pesquisa serão prioritariamente os docentes da EJA do Colégio Santo Inácio em Fortaleza. O instrumento a ser utilizado para a pesquisa será a pesquisa de campo – com entrevistas individuais com docentes da Instituição, seguido de observação participante e diário de campo. A aula observada em sala de aula ocorrerá na turma de EJA III, dentro da disciplina de Língua Portuguesa.

Entende-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino, que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso aos estudos na idade apropriada.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o trabalho dos professores da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola da Rede Privada de Fortaleza, observando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas por eles para a permanência do grupo em sala de aula.

Buscarei ao longo do trabalho historiar como se constitui em nosso país a EJA como Modalidade de Ensino e que teorias educacionais sustentaram esse olhar para a Educação de

Jovens e Adultos, produzindo assim, reflexões sobre a aprendizagem na Educação de jovens e adultos e levantando saberes docentes no contexto da EJA, buscando focalizar o que aprendem sobre a sua formação em curso.

Atualmente a EJA é um campo de pesquisa no sistema educacional brasileiro desafiador, pois embora muitas iniciativas governamentais tenham sido adotadas para diminuir essa desigualdade no âmbito da educação formal do país, essas não têm sido suficientes para dar conta dessa problemática, em consequência da baixa oferta de escolaridade e dos altos níveis de evasão e repetência no ensino regular.

O Colégio Santo Inácio, sendo uma escola particular, busca investir na EJA, dando gratuitamente para os jovens e adultos do bairro oportunidade de iniciar ou dar continuidade aos estudos. Uma equipe de professores da escola é selecionada para atuar no noturno com esses alunos. Segundo o depoimento obtido durante a entrevista com a professora da turma EJA IV:

Em muitas escolas de Fortaleza, os professores que atuam na educação de jovens e adultos foram capacitados para trabalhar com Ensino Médio e encontram certa dificuldade em se adequar á realidade dos alunos da EJA. Isso faz com que as desistências aumentem, pois os alunos desenvolvem uma dificuldade maior em entender os conteúdos. Eu sou professora da turma EJA IV no Colégio Santo Inácio há sete anos e tento, desde que iniciei, manter um bom relacionamento com meus alunos. Os professores dessa Escola trabalham com EJA há bastante tempo e fazem da mesma forma. Como trabalhei a minha vida inteira como professora de fundamental 1, não encontrei muita dificuldade e mantive uma didática semelhante a que trabalhava com meus alunos de fundamental 1, o que me ajudou muito. Quando o professor percebe que o aluno tem muita dificuldade, é importante tentar trabalhar os conteúdos com eles como se fossem trabalhando com crianças, contextualizando. Partindo daquilo que eles já sabem. Eu tento conquistar, tento ser parceira, amiga dos meus alunos. Claro que eu tenho que ter certa distância pra manter a disciplina com a turma, porque eles gostam de conversar, de levantar da cadeira para ir conversar com o colega, como crianças muitas vezes.

Ela ainda citou um exemplo de uma aluna que conseguiu superar as dificuldades com seu incentivo e apoio:

Eu tenho uma aluna aqui que tem 80 anos. Eu acho interessante que ela não desiste e ela já cresceu. Ela chegou aqui há três anos, com muita dificuldade. Ela não sabia tirar do quadro pro caderno. Ela chegou com o diploma pra cursar o EJA IV, mas ela não sabe tirar nada do quadro. Ela se perdia. Ela anotava a matéria num dia e quando chegava no outro dia, pra fazer um exercício e consultar ela não sabia mais onde é que estava no caderno. Então assim, aos poucos ela foi desenvolvendo certa autonomia. Ela já lê direitinho, sempre aquém aos outros alunos. Mas ela teve um crescimento, dentro do nível que ela chegou aqui, ela já teve um crescimento. Então, a gente tenta fazer todo um trabalho. Por exemplo, como eu não quero que eles faltem aula, eu procuro também não faltar. Eu estou na sala de aula pra dar aula, não é pra enrolar, eles sabem disso.

A falta de recursos financeiros e de incentivo familiar é um fator que tem levado muitas crianças e jovens menores de 15 anos a trabalhar. Segundo pesquisas do IBGE realizadas no mês de Setembro de 2015, treze milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever. O número representa 8,7 % da população acima de 15 anos. A pesquisa mostrou ainda que essa era a condição de 27% de adultos brasileiros. Conforme Oliveira (1999, p.59):

O adulto no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização [...] Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais desqualificados e de baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistematizada pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

Com o passar dos anos, alguns adultos, marcados por vergonha de não saber ler e percebendo a importância da leitura para compreensão de informações do cotidiano, (por exemplo, saber o troco que deve receber após uma compra no supermercado, ou mesmo saber ler a linha do ônibus que vai pegar ou até preencher uma ficha numa seleção de emprego), retornam ou iniciam uma vida escolar.

Apesar do índice significativo de evasão e defasagem escolar evasão em todo o Brasil, por motivos diversos, alguns desses jovens e adultos conseguem dar continuidade aos estudos em salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), obtendo assim, maiores oportunidades para reconstruir o tempo perdido.

Segundo relatos da professora da turma EJA IV:

“O objetivo dos alunos da EJA é se instruir para conseguir uma coisa melhor. Claro que têm alguns aqui na Escola que não tem esse objetivo. E, na verdade, aqueles que não têm esse objetivo, são eles que tendem a desistir com mais facilidade. Quem é também que tende a desistir com mais facilidade? Aquele que já chegaram numa idade mais avançada ainda. Claro que tem as exceções. Eu tenho duas alunas aqui que tem entre 50 e 60 anos. Você nota realmente assim, uma motivação muito grande da parte delas de querer galgar uma coisa maior. Mas não é a maioria que chegam nessa idade e almejam isso. Aí essas sim, tendem a querer desistir. Desistir por quê? Porque tem vergonha e porque não conseguem acompanhar.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, expõe duas questões acerca da educação:

A primeira se refere à formação dos profissionais da educação:

Art. 61

A formação de profissionais da educação de modo a atender aos objetivos os diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos.

I – A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

II – Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

A segunda remete-se à educação de jovens e adultos:

Art. 37

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Esses artigos certificam tanto a formação do professor, quanto a escolarização dos alunos que se colocam em uma faixa etária destinada para a EJA. Assim, entende-se que a Educação de Jovens e Adultos não deve ser compreendida como um meio de erradicar o analfabetismo nem de preparar para o mercado de trabalho. Precisa-se entender a EJA a partir de uma perspectiva mais ampla, dentro do conceito de educação e aprendizagem que farão parte da vida desses sujeitos. Segundo relatos da professora da turma EJA IV:

“O professor tem um papel fundamental de levar esse aluno a conseguir o objetivo dele. Quando o aluno chega aqui ele tem um objetivo. E qual é esse objetivo? Ele quer se instruir para ter uma vida melhor para ingressar no mercado de trabalho. Ele quer ter estudo para poder “sair”, principalmente as meninas, da vida doméstica. A maioria das alunas

trabalha como domésticas. Os meninos não, os meninos trabalham como porteiros, serventes e vários outros empregos”

Sabe-se que, à medida que uma porcentagem maior de crianças passou a ter acesso à educação, o número de fracasso e analfabetismo foi-se tornando cada vez mais alarmantes. E, ao invés de se repensar a prática falida, foi-se procurar os culpados para essa problemática educacional. “Os alunos, por serem subnutridos, carentes, deficientes. A escola, por ser uma inexorável máquina de reprodução das relações de poder. O professor, por ser mal pago, malformado, incompetente.” (Ferreiro, 2011 p.8)

Emília Ferreiro (2011), a estudiosa sobre o tema da alfabetização, ofereceu reflexões necessárias para se repensar a prática docente, deslocando a investigação de “como se ensina” para “como se aprende” e acalentando a necessidade de uma revolução conceitual.

Segundo estudos feitos por ela, a educação que não leva o indivíduo a refletir sobre sua condição configura-se como uma educação opressora, que não dá ao educando condições de se libertar na busca de um conhecimento que lhe possibilite entender a realidade em que vive de forma a poder transformá-la. Então, o que o docente deve fazer para melhorar essa realidade?

O docente da EJA não pode anular, na sua prática docente, o reforço à capacidade crítica do educando, a sua curiosidade e insubmissão. Ele deve ter o compromisso de levar ao discente a capacidade de se reconhecer enquanto sujeito da práxis, problematizando o cotidiano de sua realidade.

É a criação dessa consciência do mundo que leva o homem a agir em favor de mudanças. Ao letrar esses jovens e adultos, o professor não deve fazer uso dos métodos tradicionais de ensino, que já não o atraíam para a escola anteriormente, mas sim, partir de forma inovadora e motivadora, buscando aperfeiçoar seus métodos, técnicas e práticas pedagógicas à realidade da turma que ele está lidando.

Não se pode negar que as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade atual vêm provocando mudanças na educação e no ensino, que requerem dos docentes uma constante reflexão sobre sua prática. O professor deve desafiar e dar possibilidades aos seus alunos de serem críticos e não apenas repetidores de frases e ideias inertes. De acordo com Freire (2015, p.29):

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temerosos de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no

seu bairro. [...] É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo.

O educador precisa criar seres históricos, capazes de intervir no mundo. Por isso, precisam estar em constante aprendizagem e pesquisas, a fim de torná-los aptos a produzir conhecimentos ainda não existentes que revolucionarão a sociedade que eles vivem.

Vale destacar algumas ações que são realizadas no Colégio Santo Inácio para formação de professores. O coordenador 2 falou que:

“Na questão da formação de professores, o colégio Santo Inácio vê como algo fundamental. A Escola faz um sábado pedagógico por mês pela manhã, onde trazemos informações para os professores. São duas horas de formação e depois duas horas de reunião para gente pensar sobre novos direcionamentos para o segmento. Fora isso, a gente trabalha jornada pedagógica, onde trazemos palestras com professores de Universidades, pra trazer visões novas. Estamos trazendo esse ano nova divisão bom trimestre e não mais por bimestres. São 3 etapas e isso diferencia tanto na elaboração de conteúdos, do quadro de notas. A intenção é fazer a jornada pedagógica mais de uma vez por ano e continuar com os sábados trazendo novos palestrantes para eles.”

O educador Paulo Freire teve uma grande ligação com a Educação de Jovens e Adultos, pois a sociedade em que ele viveu expunha conflitos graves de classe e exclusão social, que até hoje se perpetuam com características novas, contudo, bastante complexas.

É dessa forma que Freire (2015) via a importância do professor na construção pessoal, política e social da vida dos educandos, sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Ainda na década de 60 ele passou a recrutar os operários analfabetos nas áreas de atuação dos programas de alfabetização e a fazer uma série de entrevistas com o intuito de conhecer a realidade do grupo de educandos em seus contextos de vida. Isso o levou a refletir no papel que o professor da EJA pode ter na vida educacional dos sujeitos.

É que para Freire (2015), o ato de ensinar não consistia apenas na transmissão de conhecimentos teóricos e sim na criação de um ambiente onde o que ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Dentro desse quadro de questões, tem-se que o professor da EJA precisa, antes de tudo, captar as experiências de vida dos seus alunos e usar tudo isso em favor de sua aprendizagem, considerando-as em sua necessidade de superação da exclusão. Os estudos de

Freire (2015), e em particular a metodologia utilizada na educação de jovens e adultos é politizadora e diferente das utilizadas anteriormente, por dar centralidade à fala dos educandos em sua potência transformação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Breve resgate da história da Educação de Jovens e Adultos

Educar jovens e adultos significa buscar construir uma nova perspectiva de vida para esses sujeitos e não buscar desenvolver métodos silábicos, globais ou fônicos. Ao analisar historicamente a Educação no Brasil, na época da colonização, existiam poucas escolas no Brasil e as que existiam eram para acompanhamento escolar na infância.

Não se via necessidade em alfabetizar os jovens e adultos nessa época. A instrução escolar não era acessível para as classes pobres. Por isso, muitas crianças, tornavam-se adultas analfabetas e sem perspectivas de vida. De acordo com Ghiraldelli Jr. (2008, p. 24) a educação brasileira teve seu início com o fim dos regimes das capitanias, ele cita que:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821).

A EJA é uma modalidade de ensino que oferta Ensino Fundamental e Médio para atendimento a jovens, adultos e idosos através de cursos, programas, projetos e exames que não conseguiram concluir os estudos na idade certa. Foi predominantemente marcada desde 1940 por campanhas de alfabetização consolidando-se como assunto de política nacional, por força da Constituição de 1934 que estabeleceu a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário para todos.

Esse novo período na educação de adultos caracterizou por intensa preocupação na condução metodológica e de inovações importantes nesse campo; pelo destaque da reflexão sobre o social no pensamento pedagógico brasileiro e pelos esforços realizados pelos mais diversos grupos, em favor da educação da população adulta para a participação na vida política do país.

O ensino jesuítico instaurado no Brasil tinha como foco a propagação da fé cristã e não apenas a transmissão de conhecimentos científicos. A história da educação de jovens e adultos se deu de forma assistemática. Nessa época não se constatavam iniciativas governamentais significativas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos ainda.

A política religiosa dos jesuítas buscava controle da fé e moral dos habitantes e acabavam destruindo os costumes locais, tendo como características principais a unificação

da língua portuguesa em todo o país e o embasamento da oralidade como uma forma de transmissão de conhecimento.

Os jesuítas permaneceram no Brasil por 210 anos e aqui fundaram 25 residências, 36 missões e 17 colégios missionários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras.

Em 1959, 210 anos após chegarem no Brasil, os jesuítas foram expulsos por Marquês de Pombal (primeiro-ministro em Portugal). Como administrador, Pombal queria exercer influência também no Brasil, principal colônia de Portugal. Então, buscou aumentar o poder nas áreas controladas pelos jesuítas e criou escolas leigas (sem controle religioso). Tudo convergia de acordo com o interesse do Estado. Com a chegada da família Real ao Brasil, a educação perdeu o seu foco que já não era amplo.

Após a Proclamação da Independência do Brasil foi outorgada a primeira constituição brasileira, em 1824 e no artigo 179 nela consistia que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”. Mas, as classes pobres não eram favorecidas, pois não tinham acesso à escola.

Soares (2002, p.8) aponta que o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Em 1882, Rui Barbosa levantava indícios da vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e expunha propostas de multiplicação de escolas e melhorias qualitativas do Ensino.

A constituição de 1934 não teve êxito, pois Getúlio Vargas o então presidente da república tornou-se um ditador através do golpe militar e criou um novo regime o qual chamou de: “Estado Novo”. Criou-se a constituição de 1937 que fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que a nova Constituição não legislou sobre a porcentagem de subsídio orçamentário à Educação. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.

Os ricos proveriam seus estudos através do sistema público ou particular, e os pobres, sem usufruir desse sistema, deveriam ter como destino as escolas profissionais ou contar com a boa vontade dos ricos com as “caixas escolares”. Naquele momento era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias. O objetivo disso era fornecer uma educação para poucos, o que tornaria a sociedade mais suscetível a aceitar tudo o que era imposto e onde o conhecimento crítico não se propagaria.

A partir da década de 40, inúmeros esforços por parte do governo foram despendidos para procurar diminuir os altos índices, como um fundo destinado à alfabetização, parceria com a UNESCO, campanhas educativas etc.

O analfabetismo era visto como a principal causa de atraso do país e pouco era feito para mudar esse panorama, visto que o analfabeto estava à margem da sociedade. Mesmo alguns programas tendo fracassado, a ideia já estava plantada, o que precisava era ocorrer um avanço nas propostas de se resolver o problema.

Paulo Freire foi um dos precursores em favor da alfabetização de jovens e adultos que sempre lutou pelo fim da educação elitista. Ele se preocupava e sonhava com a construção de uma escola democrática que oportunizasse aos educandos obter uma consciência crítica, capaz de despertá-los para tomadas de decisões, preocupação também de educadores no século XXI. Freire tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, que parte da realidade, da vivência dos educandos, segundo Aranha (1996, p.209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade.

Freire almejava uma educação humanizadora, capaz de compreender os diferentes contextos sociais e suas culturas. A proposta de Paulo Freire, em termos educacionais, é uma proposta antiautoritária, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos, alinhados num diálogo permanente. Esse processo não deve estar presente apenas na sala de aula, mas em um círculo cultural constante, a fim de tornar o aluno capaz de interferir na história e mudar a realidade, de certa forma.

Na época do regime militar, surgiu um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, chamado MOBRAL. Foi um programa criado pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil em dez anos. Esse método tinha como foco o ato de ler e escrever, visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida, porém, não utilizava o diálogo como a de Freire e não se preocupava com a formação crítica dos educandos. A respeito do MOBRAL; Bello (1993, p.) cita que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes da época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

Durante anos, a maioria das escolas noturnas eram grupos informais, onde adultos e jovens se reuniam após um dia árduo de serviço e poucos dominavam o ‘ato’ de ler e escrever. No começo do século XX, com o desenvolvimento industrial foi possível se perceber uma lenta valorização da EJA.

O processo de industrialização gerou a necessidade de se ter mão de obra especializada. Nesta época criaram-se escolas para capacitar os jovens e adultos. Por causa das indústrias nos centros urbanos a população da zona rural migrou para o centro urbano na expectativa de melhor qualidade de vida.

Ao chegarem aos centros urbanos surgiu a necessidade em alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para a criação destas escolas para adultos e adolescentes.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados. Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, tal campanha propunha alfabetizar os analfabetos em três meses. Dentre educadores, políticos e sociedade em geral, houve muitas críticas e também elogios a essa campanha. Ficou nítido como, a partir dela, a EJA passou a ter uma estrutura mínima de atendimento.

Com o fim desta primeira campanha, Freire foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime. Assim a Educação de Jovens e Adultos voltou a ser controlado pelo governo que criou o MOBRAL, conforme citado anteriormente.

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para a EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento.

O MOBRAL foi substituído em 1985 pela Fundação EDUCAR que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes. Na década de 80, difundiram-se várias pesquisas sobre a língua escrita que de certa forma refletiam na EJA.

A promulgação da constituição de 1988 ampliou o dever do Estado com a Educação de jovens e adultos. De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988:

“O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;”

Na década de 90 emergiram iniciativas em favor da Educação de jovens e adultos, o governo incumbiu também os municípios a se engajarem nesta política. Começam a acontecer parcerias entre ONGs, municípios, universidades, grupos informais, populares, Fóruns estaduais, nacionais e através dos Fóruns. A partir de 1997 a história da EJA começa a ser registrada no intitulado “Boletim da Ação Educativa”.

Métodos de alfabetização sempre eram revistos e refeitos, pois estavam sempre procurando melhorá-los. Em 2000, uma Resolução instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos na estrutura do Ensino Fundamental e Médio e como Modalidade da Educação Básica.

A proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos serve com um subsídio para a formulação de currículos e planos de ensino, além de propostas para os educadores, adaptando-a a realidade de cada local onde ela será utilizada.

Hoje em dia é menor o número de adultos que nunca tiveram acesso à educação e maior o número de adolescente que saem do ensino regular por diversos motivos. Muitos já trabalham e precisam passar para o turno da noite.

Isso se dá pelo fato da sociedade de hoje ser mais exigente quanto à educação, cobrando cada vez mais pessoas qualificadas, com níveis de formação mais elevadas, e assim, o aluno oriundo da Educação de Jovens e Adultos acaba sendo empregado com baixa qualificação e partindo para o mercado informal.

Portanto, é necessário ter domínio da cultura letrada para que se tenha acesso aos benefícios da sociedade, melhorar o nível educacional e promover uma mudança de vida.

2.2. Dialogando sobre a prática docente

Canário (2006) fez um esboço da crise mundial de educação, que se instalou a partir do final da década de 1960 e se estendeu nas décadas seguintes. Ele explicou que é necessário analisá-la a fim de contribuir para uma compreensão mais profunda da natureza dessa crise, propondo uma leitura interpretativa e procurando enunciar algumas pistas de sua possível superação.

Pode-se perceber que o educador está realmente no “olho do furacão”, pois quanto mais a sociedade se escolariza atualmente, mais ela se confronta com problemas de ordem social e ambiental. Canário (2006) afirmou que o professor deve enfrentar esses problemas, utilizando práticas educativas que valorizem uma função crítica e emancipatória, que permita “compreender o passado, problematizar o futuro e intervir no presente” de seus alunos.

Em um contexto de incertezas e de crise paradigmática observa-se à invasão de teorizações que sinalizam proposições para solucionar os problemas surgidos com as novas exigências impostas à docência. Inspiradas em tais exigências aparecem as problematizações em torno de categorias como “prática reflexiva”, “saberes docentes”, “competências”. Noções constituintes de um marco referencial para a significação do ser professor hoje.

As referências ou os créditos teóricos e conceituais acerca da “reflexão” no campo da docência, mais precisamente sobre o “professor reflexivo” estão associados ao grande inspirador desse movimento, o americano, ex-professor de Estudos Urbanos do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts, EUA), Donald Schön. A perspectiva shöniana para a noção de “profissional reflexivo” compreende como central, a atuação inteligente e flexível, situada e reativa, deste profissional, diante de situações incertas e imprevistas (ALARCÃO, 2010).

[...] as situações complexas sempre parecem ser, pelo menos em parte, *singulares*. Por isso, exigem mais que a aplicação de um repertório de receitas: exigem um procedimento de resolução de problemas, uma forma de invenção. Toda normalização da resposta provoca um enfraquecimento da capacidade de ação e reação em uma situação complexa. (PERRENOUD, 2002a, p. 11. Grifo do autor).

O professor que trilha seu caminho pelo ângulo das competências precisará, obviamente, acrescentar novas metodologias na sua prática pedagógica, assim como diminuir conteúdos disciplinares e reformular o tipo de avaliação, orientando-as para as competências. Vale salientar que os conteúdos disciplinares não podem ser extintos. Teoria e prática devem estar interligados, pois como relembra Pimenta (in PIMENTA; GHEDIN, 2009, p. 24):

[...] o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

Sabe-se que ainda é pouco articulada política nacional de formação de educadores de

Jovens e adultos e a consequência é a pouca preparação dos professores que atuam nesse campo, sem esquecer-se da escassez de recursos públicos destinados para essa modalidade de ensino.

Esses obstáculos influenciam na formação dos educadores, gerando práticas descontextualizadas, como também influenciam na aprendizagem dos alunos, pois das práticas descontextualizadas dos educadores resultarão alunos desmotivados, o que poderá acarretar o fenômeno da evasão escolar, principalmente quando se leva em consideração que os saberes aprendidos na escola são em sua maioria desligados das vivências dos alunos e de suas necessidades intelectuais.

É fundamental que os educadores repensem o seu modo de trabalho, pois a educação deve estar focada na pessoa que aprende e no contexto social que ela vive. A transformação da prática docente requer a ampliação da consciência do professor sobre a sua própria prática docente (Libâneo, 2000).

O docente deve buscar valorizar a experiência não-escolar de seus alunos, não os tratando como uma tábua rasa, mas trazendo conteúdos que subestimem a capacidade de pesquisa e de descoberta, que exijam competências para equacionar problemas e imaginar diferentes soluções.

O histórico da EJA, em geral, mostra os equívocos presentes nessa modalidade de ensino, pois desde a sua concepção original como uma educação é vista como supletiva compensatória e de caráter emergencial. Percebe-se, com isso, uma carência na formação específica para atuar na EJA.

É por isso que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 2000), n. 9.394/96, em seu artigo 61, faz alusão sobre a formação de profissionais para atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino, e, nos artigos 37 e 38, refere-se à educação de jovens e adultos, traçando um novo olhar sobre a abordagem da EJA no Brasil, conforme descrito a seguir:

Art. 37. *A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

2.3. Reflexões sobre a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e o papel do professor

Por muito tempo, o ato de aprender foi considerado sinônimo de memorização. Por isso, as instituições de ensino se organizavam para exercer a função primordial que era repassar o maior número possível de informação aos alunos. Os conteúdos a serem transmitidos eram organizados em grandes blocos, por áreas, e, em geral, partiam dos mais simples para os mais complexos.

Acreditava-se que, juntando as pequenas partes, os alunos conseguiriam compreender o todo. Para o público adulto, essa forma de ensino apresentava um bloqueio, pois muitos se sentiam envergonhados por terem de repetir letras e sons.

Porém, pesquisas feitas a respeito do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita vêm comprovando que a estratégia necessária para o indivíduo ser alfabetizado não é a memorização, mas a reflexão sobre a escrita. Nesse aspecto, os educadores têm um papel fundamental a desempenhar. Eles precisam trazer metodologias adequadas à realidade cultural dos alunos, respeitando assim, a subjetividade do público adulto.

Essa constatação desencadeou uma revolução conceitual, uma mudança de paradigma nas práticas de ensino. Tais mudanças ocasionaram vantagens e prejuízos que caracterizam um período de transição, de transformação de ideias e práticas cristalizadas ao longo de muitos anos.

Muitos alunos ainda se sentem coagidos ao serem solicitados que se expressem através da leitura e da escrita dentro da sala de aula. Quando o professor perceber que isso está acontecendo, ele deve exercer um papel mediador, incentivando o aluno a escrever sem

receio. A busca pelo conhecimento deve ser um processo amplo de aprendizagem e um instrumento a ser usado na construção do aprendizado escolar.

É por essa razão que Ribeiro (1999, p. 5) defende que a “alfabetização e a educação de base de adultos deveriam partir sempre de um exame crítico da realidade existencial do educando, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los”.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos educadores que trabalham na EJA é com a leitura e a escrita, especialmente nas séries iniciais. Muitos se deparam com jovens e adultos que se encontram fora de sala de aula há vários anos e ainda, com mais incidência, alunos que nunca frequentaram uma sala de aula.

Como a maioria, dos alunos da EJA passa o dia todo trabalhando, estas não podem ter o mesmo rendimento dos demais estudantes, principalmente, se as aulas não forem inovadoras, mas tradicionais: quadro, giz e exposição oral dos conteúdos, muitos fora da realidade dos alunos.

O professor necessita conhecer o seu público e assim, trazer uma aula diferenciada, com dinâmicas e técnicas de ensino facilitadoras da aprendizagem, condizente com a realidade da turma.

É de conhecimento de todos os educadores que a escola é o caminho certo quando se fala em processo ensino e aprendizagem, tendo em vista o compromisso que ela exerce perante a sociedade, por isso tem-se o compromisso de apresentar um plano que vá proporcionar aos alunos mais maturidade não apenas no exercício da escrita e leitura, mas principalmente na vida e na construção da sua identidade. Somente com análise profunda do problema é que vai ter bons resultados, pois como diz Goulart (2003, p. 106):

[...] alfabetizar é menos impor modelos que permitir que o sujeito desenvolva sua forma de captar o simbólico social nos textos (e aí está incluído o sistema de escrita), a partir de sua subjetividade, com a sua marca, a sua assinatura. A construção da identidade individual no processo de produção de textos parece estar fundada na construção da identidade social.

Desde os anos 70, ou até mesmo antes, o uso da cartilha e metodologias inadequadas na educação de jovens e adultos preocupava os educadores da época e, infelizmente, essa problemática permeia os tempos atuais, segundo (FUNCK, 1994, p.14 e 15):

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se

continuarmos bitolando o alfabetizando com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende.

As posições de Paulo Freire (1996, p.59 e 60) com respeito à busca de novas práticas educativas ganham força e deviam levar muitos educadores a refletir:

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente a sociedade global. O sistema escrito é produzido historicamente pela humanidade e utilizado de acordo com interesses políticos de classe. O sistema escrito não é um valor neutro. A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-linguístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica.

Para muito além do conhecimento empírico, eles precisam avançar no sentido de saber fazer questionamentos, desenvolver o raciocínio argumentativo, resolver situações-problema, assimilar rapidamente informações, ampliar a capacidade de estabelecer relações, reconhecer regularidades e coerências, prever, generalizar, projetar e abstrair, fundamentos e objetivos intrinsecamente relacionados ao fazer matemático.

2.4. Os caminhos e desafios na formação de educadores de Jovens e Adultos e o seu papel da educação da EJA

Alguns fatores vêm levando a docência a ser considerada como semiprofissão. O professor vem sofrendo com a desvalorização social do seu trabalho. As muitas demandas que ele acarreta, provoca uma alienação e perda da capacidade de reflexão sobre sua prática.

Para mudar esse cenário, é necessário a revalorização social da profissão do professor, o domínio de diversas habilidades e competências, a construção de conhecimentos e habilidades específicas do processo educativo, a socialização dos valores da profissão e certo grau de autonomia em relação ao Estado.

Essa autonomia é a capacidade de refletir sobre sua ação na prática e sobre os determinantes dessa ação. A atividade investigativa torna os professores protagonistas das ações e não simplesmente repassadores de conteúdos.

Tem-se o desafio de pensar a formação do professor de maneira genérica e não segmentada, uma vez que o professor que atua na EJA também atua em outros segmentos da educação básica.

O professor não é apenas um aplicador de regras e preceitos e cumpridor de teorias. Ele precisa articular o conhecimento adquirido pela prática com os saberes escolares. “O professor precisa ir ao encontro do aluno, como um observador, prestando atenção para que possa compreender o seu processo de aprendizagem, ajudando-o na superação das suas dificuldades” (Jardilino, 2014, p. 150).

A formação do professor deve ser contínua, individual e coletiva. O saber constituído individualmente, mas que abrange a coletividade docente pode ser modificado e repassado para os professores em formação e para os mais experientes. Esses saberes adquirem objetividade parcial na medida em que se relacionam criticamente com os saberes disciplinares e curriculares.

Sabe-se que os alunos do EJA movidos por sua vontade de aprender rompem barreiras impostas pela sociedade, família, preconceito e exclusão.

Segundo estatísticas, de cada 100 pessoas nove com mais de quinze anos são analfabetos absolutos. Totalizando um total de 13.940.729 pessoas. A situação fica ainda mais crítica nos Estados do nordeste brasileiro. Se levarmos em consideração outras variáveis como idade, gênero, matriz étnica, geografia, temos os seguintes dados:

- O analfabetismo é maior entre as mulheres;
- O analfabetismo é maior em pessoas com 65 anos ou mais;
- O analfabetismo é maior entre pardos e negros;
- O analfabetismo é maior entre as pessoas que vivem no campo;

Esses são os potenciais dos alunos das classes de EJA, evidenciando a incapacidade do atual sistema escolar de trabalhar com a diversidade e de articular interesses e necessidades formativas diversas para um público que também é diverso.

É interessante mostrar a necessidade de pensar não apenas no atendimento educacional e nas condições de oferta de EJA, mas também na necessidade de se promover ações específicas que precisam levar em consideração as particularidades desses sujeitos para os quais os projetos se voltam, considerando assim, suas histórias de vida, os trajetos formativos, os interesses, os desejos e as suas necessidades.

A formação de professores para a EJA é um grande desafio. A necessidade institucional de educar jovens e adultos tem crescido consideravelmente no país após o desenvolvimento industrial, merecendo uma maior atenção por parte dos órgãos governamentais.

Porém, essa modalidade ainda vem sendo ocupada por professores sem uma formação específica, que trazem consigo uma formação inicial/acadêmica adquirida em curso de licenciatura, ou mesmo sem nenhuma formação superior, que se voltam para essa modalidade por questões circunstanciais. Sabe-se que na maioria das licenciaturas em pedagogia, quando se vai estudar os fundamentos da educação, o foco maior é sempre foi no desenvolvimento da criança e não dos jovens e adultos.

Isso gera uma fragilidade na sala de aula e na realidade prática desses profissionais, que acabam migrando para o campo de EJA sem uma base de conhecimentos mais consistente na área específica da EJA.

É necessário buscar identificar os desafios que se interpõem na construção da profissionalidade docente dos educadores diante das contingências do cenário educacional brasileiro, avaliando a forma como tem se dado essa formação diante da complexidade da modalidade.

Sondar as possibilidades que têm permeado o campo de atuação e de formação desses educadores requer analisar os processos que constituem os sujeitos em educadores da EJA, a partir dessa inserção profissional.

De acordo com Contreras (2002), falar de profissionalidade significa não só descrever o desempenho do trabalho de ensinar, mas também expressar valores e pretensões que se deseja desenvolver nesta profissão.

Apesar das profundas transformações que ocorreram e estão ocorrendo nas políticas educacionais, pensar a escola nesse novo contexto, significa pensar na necessidade de rever continuamente o já sabido, reorganizando em novas bases todo o saber acumulado, a fim de potencializar a aprendizagem de forma significativa.

3. METODOLOGIA

Para investigação será utilizada a pesquisa exploratória de campo que busque subsídios acerca das questões que orientam a formação de educadores de jovens e adultos de EJA. Trago também aqui uma breve pesquisa bibliográfica e documental sobre a EJA.

Para fundamentar o trabalho serão utilizadas dissertações de mestrado, teses de doutorado, trabalhos de conclusão de cursos, artigos científicos, livros e pesquisa da internet.

Os sujeitos incutidos na pesquisa serão prioritariamente os docentes da EJA do Colégio Santo Inácio em Fortaleza. Durante a pesquisa exploratória feita durante o estágio em EJA, serão levantados estudos bibliografias que servirão de orientação e abrangerão autores como Pimenta (2009), Soares (2010), Ghiraldelli (2006), Freire (2015), Jardimilo (2014) e outros que irão contribuir para a fundamentação teórica.

O instrumento a ser utilizado para a pesquisa de campo será a pesquisa participante – com entrevistas individuais com docentes da Instituição, seguido de observação participante e diário de campo, que serão mais bem exemplificadas a seguir.

3.1. A pesquisa participante enquanto técnica de investigação

A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural da pesquisa e de sua interação com a situação investigada. Variadas experiências de pesquisa participante partem de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares.

Ela se constitui como um momento de trabalhos de educação popular, realizados junto com e a serviço de grupos ou movimentos sociais. Na pesquisa participante, o investigador passa a conhecer a realidade do grupo a fim de formar pessoas motivadas e transformarem cenários sociais de suas próprias vidas e destinos.

Trabalhar na perspectiva libertadora, conforme afirmou Freire (1984, p. 35), onde a “pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”, constitui-se um desafio.

Nessa perspectiva, teremos como fio condutor técnicas qualitativas de investigação tais como, observação participante, entrevistas livres, visitas e elaboração e execução de planos de aula.

Há que se considerar o fato de, nos conduzirmos pelos pressupostos teóricos e epistemológicos da pesquisa participante principalmente no que concerne a definição do objeto de pesquisa que é refletir sobre o papel do educador de uma Escola da Rede Privada em Fortaleza acerca do desafio do estudo no EJA como construção da vida educacional do sujeito.

Nessa caminhada o pesquisador coloca-se como sujeito, juntamente com o grupo interessado, e a serviço não do grupo, mas da prática política daquele grupo, conforme já salientava (BRANDÃO, 1985).

3.1.1 Observação participante

A Observação Participante pode ser realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, podendo ser o próprio investigador instrumento de pesquisa também.

Para que se possa compreender os fatos e as interações entre os sujeitos em observação, no seu contexto, é necessário que o investigador elimine deformações subjetivas. Portanto, para isso, é desejável que o investigador tenha adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica.

Podemos considerar que a Observação constitui uma técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semi-estruturada ou livre, embora também com outras técnicas como análise documental, se bem que a mesma possa ser aplicada de modo exclusivo.

Na Observação participante, enquanto técnica utilizada em investigação há que realçar que os seus objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (Spradley, 1980).

A expressão “Observação Participante” tende ainda, de acordo com Lapassade (2001), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação. Pode conjugar o estatuto de investigador/observador, mesmo que seja conhecido por uma parte do grupo, sendo que este trabalho de campo continua em cada momento/“tempo” de presença e até que o investigador o abandona depois de uma estadia mais ou menos longa.

Na investigação que será feita no Colégio Santo Inácio, usarei como metodologia, uma observação mais livre, não estruturada. Durante a entrevista com os discentes, pedirei

autorização para gravar e, em seguida, lançarei o tema do TCC: “A EJA e a construção educacional do sujeito: buscando a perspectiva docente”, deixando que eles falem livremente sobre o assunto.

Após as entrevistas, pedirei autorização para fazer uma observação em sala de EJA, sem intervir na rotina da aula.

3.1.2. A importância do registro no Diário de campo

O objetivo principal da pesquisa é desenvolver uma reflexão sobre o papel do educador de uma Escola da Rede Privada em Fortaleza acerca do desafio do estudo no EJA como construção da vida educacional do sujeito.

Dentre os recursos utilizados durante esta pesquisa, levarei máquina fotográfica, filmadora e anotações. Após a pesquisa de campo, as coletas de dados serão processados e sistematizados, tendo como base o referencial teórico que fundamentará e orientará a presente pesquisa.

Falar de Educação de Jovens e Adultos no nosso país é também falar de uma luta que persiste até hoje, a de terminar ou pelo menos uma tentativa de diminuir a desigualdade social. É uma tentativa de fazer com que os conteúdos sejam trabalhados de uma forma diferente.

Portanto, buscarei investigar nas entrevistas individuais, o papel do professor da EJA enquanto facilitador real de construção de desafios formativos para os Jovens e Adultos, considerando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas, bem como a interação promovida por eles para incentivar a permanência do grupo em sala de aula.

A partir das análises espero adquirir um novo olhar sobre essa realidade da educação de jovens e adultos. Como pesquisadora é muito importante esse trabalho de investigação para o conhecimento e aperfeiçoamento sobre essa área e seus constantes desafios. Ainda há muito que aprender sobre a realidade do professor que lida com alunos que não conseguiram concluir os estudos na idade certa. Espero que esses estudos sejam norteadores para o meu processo acadêmico, como estudantes e também como futura pedagoga.

4. ESTUDO DE CASO

4.1. Descrição da pesquisa exploratória

O movimento exploratório foi realizado no Colégio Santo Inácio, localizado na Avenida Desembargador Moreira, 2355. A primeira visita à Instituição foi feita dia 13 de maio de 2015. Ao chegar lá, entreguei a carta de apresentação, assinada pela diretora da Faculdade de Educação à coordenadora 1 e passei a observar todo o ambiente escolar. Durante o mês de junho de 2016, foram entrevistados outros professores da Escola também.

Foi apresentado e justificado o motivo da visita à Instituição, que seria vivenciar e conhecer a rotina da Escola a fim de criar uma reflexão sobre o papel do educador de uma Escola da Rede Privada em Fortaleza sobre o desafio do estudo no EJA como construção da vida educacional do sujeito, considerando as estratégias didáticas e pedagógicas utilizadas por eles para a permanência do grupo em sala de aula.

Para atender aos objetivos propostos, escolhi os seguintes procedimentos metodológicos: na primeira etapa, pesquisa participante – com entrevistas individuais com alguns docentes da EJA, fazendo registros constantes no diário de campo. A segunda etapa, de observação em sala de aula, buscando compreender como acontece a relação professor aluno no Colégio Santo Inácio. Ao longo das visitas iniciais, busquei colher algumas informações sobre a história, princípios pedagógicos e educacionais da escola.

Durante a primeira visita, pude conhecer o espaço da Escola e um pouco da sua história que será descrita no item seguinte. Durante as visitas, a Escola disponibilizou uma turma de EJA III para observação. Durante as visitas foi buscada aproximação com os professores, por meio de entrevistas, a fim de produzir reflexões sobre a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, levantar os saberes docentes no contexto do EJA, buscando focalizar o que aprendem sobre a sua formação em curso e o seu papel enquanto construtores da vida educacional dos alunos.

4.2. Descrição de processos históricos da Escola

O Colégio escolhido para a pesquisa em EJA foi o Colégio Santo Inácio, que iniciou suas atividades em 1955. No começo era uma pequena escola, com o nome de Pré-Escola

Apostólica Nossa Senhora de Fátima. No ano de 1956, passou a ser chamado de Externato Cristo Rei e funcionava em regime de semi-internato.

A data oficial de fundação do colégio é 1º de março de 1960 e funcionava na Rua Gonçalves Ledo, 830. A sede atual do colégio é na Av. Desembargador Moreira, 2355 – Dionísio Torres, com o nome de Colégio Santo Inácio e tem como Diretor o Padre Eugênio Correia. Pela manhã a escola é privada e tem todos os segmentos, da educação infantil até o terceiro ano do ensino médio e no turno noturno funciona a EJA, sendo uma ação de filantropia.

Atualmente funcionam apenas a EJA III, IV e V e o ensino médio. Devido ao baixo número de alunos foram fechadas as turmas de EJA I e II. A escola possui no total 29 turmas, atendendo a 630 alunos e possui 75 professores no seu quadro. Na EJA são cerca de 140 alunos e 15 professores.

Devido ao baixo número de alunos foram fechadas as turmas de EJA I e II. A escola possui um total de 29 turmas, atendendo a 630 alunos e possui 75 professores no seu quadro. Na EJA são cerca de 140 alunos e 15 professores.

Mas segundo relatos do coordenador 2, o Santo Inácio conta atualmente com uma nova direção. Pela primeira vez a escola está passando por um modelo de direção leiga. A professora Albeniza Gomes assumiu no ano de 2016 a direção da Escola. Ela já foi diretora de outros colégios em Fortaleza, como o Master e vem trazendo uma nova visão pedagógica.

Ela tem auxiliado a coordenação noturna muito na educação de jovens e adultos, trazendo ações inovadoras, a fim de mobilizar os alunos, como:

- Bazar para arrecadar dinheiro para projetos artísticos e culturais com os alunos. Com o dinheiro arrecadado a Escola levou os alunos da EJA para o cinema no Rio Mar no mês de junho de 2016. E em agosto de 2016, pretendem levá-los para um ‘city tour’ histórico pelo centro de Fortaleza.
- Campanhas e divulgações para a entrada de novos alunos do bairro, a fim de abrir novamente em 2017, as turmas de EJA 1 e EJA 2.
- Mudança para o currículo 2017. Pretende-se trazer atividades esportivas para esses alunos e incluir algumas atividades profissionalizantes que, não necessariamente, mexam com a estrutura da escola.

O ensino na Escola é ministrado com base nos seguintes princípios que se encontram na Pedagogia Inaciana:

- a) Formação voltada para os valores humanos, cristãos e sociais;

- b) Abertura ao novo, de modo consciente, crítico e ético;
- c) Respeito ao processo histórico do educando;
- d) Consciência da realidade e compromisso com as mudanças sociais;
- e) Experiência da convivência fraterna para a formação;
- f) Avaliação processual, reflexiva, visando à superação e aos avanços; e
- g) Favorecimento à imaginação, indagações, criatividade e descobertas.

A escola tem como objetivos educacionais:

- I. Proporcionar a toda a comunidade educativa um ambiente de convivência fraterna, possibilitando participação, comunhão e com responsabilidade;
- II. Criar espaço para que em todas as áreas do conhecimento esteja presente a dinâmica da Pedagogia Inaciana, perpassando a excelência no fazer pedagógico;
- III. Vivenciar um currículo que permita ao educando o desenvolvimento de habilidades e competências, o sentido das relações, a manifestação de sentimentos e a partilha de experiência;
- IV. Possibilitar a toda a comunidade educativa a experiência da fé com suas exigências de compromisso com a justiça, tendo como paradigma a pessoa de Jesus Cristo;
- V. Oferecer ao educando condições para que construa sua liberdade, supere obstáculos, descubra o seu modo de pensar, agir e entender a vida.

No que se refere à estrutura, a escola possui 29 salas de aula, biblioteca, duas cantinas, 08 banheiros, 06 quadras de esportes e uma área de lazer.

O espaço físico da escola é adequado e suas dependências são suficientes. As instalações estavam em ótimo estado de conservação e os banheiros sempre limpos. Ainda tinha um funcionário trabalhando a noite na limpeza. No turno da noite alguns espaços da escola não funcionam (biblioteca não é aberta e apenas uma cantina funciona).

Como já foi mencionado anteriormente, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria.

Para dar acesso a esses alunos, o colégio Santo Inácio busca desenvolver as seguintes capacidades:

- I. Dominar os instrumentos básicos da cultura letrada, de modo especial a leitura e a escrita;
- II. Dar continuidade aos estudos correspondentes ao ensino médio;

- III. Promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além do acesso à educação continuada;
- IV. Aumentar a auto-estima, fortalecer a confiança e sua capacidade de aprendizagem. Valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social.

A organização curricular da modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental e Médio está contemplada no Projeto Pedagógico e no plano de curso.

As turmas da EJA no Santo Inácio não trabalham com livros. São elaborados TD'S pelos professores, além das aulas expositivas. A maior parte das turmas é composta por mulheres e, cerca de 80% a 90% dessas mulheres são cuidadoras ou domésticas que residem principalmente próxima à comunidade da escola. A maioria é de classe baixa. A faixa etária dos alunos da escola varia entre 20 e 40 anos.

A estrutura administrativa e pedagógica da escola é formada pela Direção, Diretor Adjunto, Diretor Pedagógico, Corpo Docente, Núcleo de Gestão Pedagógica (NGP), Secretaria Escolar, Núcleo de Formação Cristã e Pastoral (NFPCP), Núcleo de Recursos Humanos (NRH), Biblioteca, Laboratórios, Recursos didáticos e áudios visuais, Tesouraria, Serviços Gerais e Organismos Colegiados.

Sobre a evasão de alunos, a coordenadora 1 da Escola relatou:

“Além da evasão, o EJA da escola tem um grande índice de reprovação e repetência. Dos alunos que permanecem, muitos vão para a recuperação, outros ficam sem notas por perderem as provas. As séries que mais reprovavam eram exatamente as que deixaram de existir, EJA I e II, e devido ao fato desse ser o primeiro ano sem essas duas séries a escola ainda não tinham os dados oficiais. Os alunos que mais mostravam interesse e tinha uma boa frequência acabaram sendo aproveitados na EJA III para não perderem o interesse pelos estudos. As séries que mais aprovam são segundo e terceiro ano do ensino médio, pelo fato de já estarem mais próximos de terminarem, pois eram alunos que tinham objetivos e perspectivas diferentes.”

4.3. Entrevistas com docentes da EJA

A intenção da entrevista é investigar sobre a formação do educador de jovens e adultos, focando os desafios que se interpõem ao desempenho desse educador e as dimensões de seu fazer profissional na relação docente/discente.

O professor 2, da turma EJA 4, não aceitou que fosse gravada suas falas. Pediu que pudesse apenas escrever sobre o assunto. Ele redigiu assim:

“No princípio vim para substituir um amigo e através desta oportunidade fiquei até os dias de hoje. Faz 12 anos que trabalho nessa escola já. Tenho licenciatura em matemática e especialização em educação matemática. Trabalhar no noturno é abrir os olhos a uma classe desfavorável, dar oportunidade de questionar as atividades referentes à sua vida, seja ela política, financeira e pessoal. Mostrar aos alunos que temos que definir e lutar pelos objetivos traçados por cada um de nós. Melhorando nas condições culturais como escutar uma boa música, tomar um bom vinho, trazer o aluno para que ele tenha também oportunidades. No campo financeiro, formar alunos que mostre aos seus patrões que ele tem uma função muito importante no seu trabalho e por isso merece sempre estar melhorando em todos os sentidos. Trazer o aluno noturno para a sala de aula é um desafio, pois temos que mostrá-los que há importância do estudo nos seus conhecimentos para melhorar a sua vida, por isso trazemos aulas diversificadas no concreto para o seu dia a dia.”

4.3.1. Observação na sala de aula de EJA 3

O contexto concreto da pesquisa envolve a relação docente/discente da EJA em classes noturnas no colégio Santo Inácio, no município de Fortaleza – Ceará. Para especificá-lo melhor, foi analisada a turma de EJA 3. Nessa turma tinham 18 alunos matriculados, mas nem todos eram frequentes nas aulas.

Foi buscado compreender os meios utilizados pelos docentes para estimular os jovens e adultos a dar continuidade nos estudos, problematizando o seu papel enquanto facilitador real de construção de desafios formativos para os Jovens e Adultos.

No dia da observação havia somente sete alunos na sala de aula, o que a professora atribui ao feriado do dia seguinte. Por se tratar de uma escola religiosa, a formação cristã ficou bem evidente.

A sala de aula é bem iluminada, sendo adequados para o turno noturno, além de possuir três janelas na lateral, dois ventiladores de teto e um ventilador de parede, todos funcionando em perfeito estado, deixando o clima da sala agradável, não sendo necessário o

uso do ar condicionado. As cadeiras eram em número superior à quantidade de alunos e estavam em bom estado de conservação.

Sobre a estrutura física da sala, a mesa da professora ficava à frente da turma, ao lado da janela. As instalações elétricas estavam em perfeito estado e uma caixa de som dentro da sala para alertar aos alunos do intervalo. Pelo que foi observado, consideramos o espaço físico da sala de aula adequado, além de percebermos que praticamente não tem barulho externo para atrapalhar, mesmo com as janelas voltadas para o lado do ginásio, onde no dia alguns alunos do turno diurno praticavam atividades físicas.

Pela observação que se teve, foi percebido que a professora da escola é tranquila e expõe os conteúdos com objetividade, mas ainda mantém uma postura um pouco tradicional nas atividades com os alunos, pois eles ficam numa postura muito passiva ainda.

Na observação da aula de Português, a professora estava dando aula sobre sílaba tônica, ela explicou como se descobria a posição na palavra da sílaba tônica, mas não deu exemplos concretos de como se utilizar isso na realidade, não trouxe textos expositivos, nem citou exemplos do cotidiano dos alunos.

Em seguida, ela dividiu a turma em dois grupos e passou uma atividade, pedindo para os alunos pesquisarem palavras em revistas e colarem num papel ofício, tentando descobrir a sílaba tônica da palavra. Mesmo ela se mostrando solícita em ajudar os dois grupos durante a realização da atividade, a mesma delongou muito tempo, pois foi até o final da segunda aula.

Na segunda observação que fiz da aula de Português, percebi que todos os alunos tinham livro didático. A escola já tinha nos fornecido a informação de que eles não dispunham de livros e que o material trabalhado com a turma era elaborado pelo próprio professor em forma de TD's. A professora da turma justificou que trazia esses livros da escola da prefeitura que trabalha porque considera mais fácil e econômico trabalhar com eles. Disse que além do livro, trabalhava conteúdos em forma de TD's também.

Nessa segunda observação percebi também que a professora expunha os conteúdos com clareza, mas não desenvolvia estratégias de ensino dinâmicas. Ela trabalhou um texto com a turma desse livro que ela utiliza e depois voltou novamente a classificar com eles a posição das sílabas da palavra do texto. Em seguida, passou um exercício sobre o texto.

Pelo tempo de observação que se teve, foi percebido que a professora da escola é tranquila e expõe os conteúdos com objetividade. Ela procura criar vínculos afetivos com a turma, pois sempre antes de começar a aula, faz um devocional com a turma e conversa informalmente sobre a rotina de trabalho deles.

Deu para perceber também que a relação professora – aluno é uma relação carinhosa, ambos têm respeito. Em nenhum momento foi usado de autoritarismo e não houve episódios de indisciplina.

Era bem evidente o carinho que a turma tinha pela professora. Pois a aula antecedia o feriado da Páscoa e a professora foi presenteada pela turma com chocolates, o que deixou bem marcado o afeto entre eles, pois se tratando de alunos com renda baixa, o gesto se tornou bastante significativo.

Porém, para trabalhar o assunto do texto de maneira dinâmica ela poderia ter explorado mais o conhecimento dos alunos sobre o assunto trabalhado no texto e não apenas ter seguido o que estava no livro como algo ‘certo’. Assim, ela estaria criando nos alunos senso crítico aguçado e os ensinando a saberem questionar temas e assuntos diversos.

4.3.2 Entrevista com a professora sala EJA 3

“Sou formada em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR, técnica em pedagogia pelo Colégio Imaculada Conceição e especialista em Educação Especial pela UVA. Considero que fiz uma excelente escolha profissional, porque gosto muito de ensinar e do relacionamento com os alunos. Infelizmente essa é uma profissão muito desvalorizada, em questão de remuneração. Trabalho há 38 anos no Colégio Santo Inácio, iniciando logo após a saída do Colégio Imaculada Conceição, mas sou professora de crianças surdas em outra escola. Há 4 anos eu trabalhava exclusivamente com turmas de EJA no Colégio Santo Inácio lecionando disciplinas de Português, História/Geografia e Ciências. A disciplina que me identifiquei mais é a de Ciências. Considero o ambiente de trabalho na escola amigável e solidário, tendo sempre apoio da coordenação e dos outros professores no que precisar. A maior dificuldade que ainda encontro é por não ter livro didático para trabalhar com os alunos. As atividades são feitas em formas de Td’s de acordo com o planejamento anual e de acordo com a necessidade da turma. Costumo realizar atividades em grupo e individuais ao mesmo tempo para que um aluno não fique esperando pelo outro, sem participar totalmente da atividade. O processo avaliativo é por meio de provas e trabalhos, realizados ao fim de cada bimestre, além da feira de ciências.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos depende de uma prática educativa que tenha como eixo a formação de um cidadão autônomo e participativo. Essa prática pressupõe que os jovens sejam sujeitos do seu processo de aprendizagem e que construam significados para o que aprendem, por meio de múltiplas e complexas interações com os objetos de conhecimento, tendo para tanto, o educador como mediador.

A sala de aula deve ser um ambiente favorável a existências de interações entre docente/discente e discente/discente. O professor como mediador desse processo, deve criar possibilidades para despontar a produção ou construção do conhecimento, tendo em vista que essas ações recíprocas assumem um papel importante na formação de capacidades cognitivas e afetivas de seus discentes, a fim de incentivar também a percepção dos conhecimentos que fazem parte de seu contexto sociocultural, dando ênfase ao seu significado no processo de assimilação dos saberes escolares.

A reflexão crítica sobre a prática docente e sobre o conteúdo dos currículos oferecidos deve ser algo cotidiano, do contrário a escola continuará sem sentido para alguns discentes que passaram por seus bancos. O ato de ensinar não deve consistir apenas em transferência de conhecimentos, mas sim de criar possibilidades à sua produção ou construção.

Para Freire (2005), a “*leitura do mundo*” precede a “*leitura da palavra*” (p.81), deste modo, atenta para o respeito do “*saber de experiência feito*” do educando (p.29).

Não se trata, então, apenas do conhecimento escolar, construído na escola. Trata-se também, de um “*saber ingênuo*” (FREIRE, 2005, p.39).

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2005, p.44).

O autor diz do conhecimento além dos conteúdos, o conhecimento para “*pensar certo*”, que supera o ingênuo e é um ato comunicante, de entendimento co-participado (FREIRE, 2005, p.26-27).

Em relação ao ensino:

ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2005, p.23).

A fim de tornar o ensino significativo, é fundamental que o docente da EJA, no ato de ensinar, busque compreender o motivo, de maneira singular, que levou seus alunos a não terem acesso à educação na idade certa e qual incentivo receberam para retornarem na idade adulta.

O professor da EJA não deve fazer uso de métodos tradicionais de ensino, mas buscar aperfeiçoar seus métodos, técnicas e práticas pedagógicas à realidade da turma que ele está lidando. Por isso, é necessário estar em constante aprendizagem e pesquisas, a fim de tornar os alunos aptos a produzir conhecimentos ainda inexistentes que revolucionarão a sociedade que eles vivem. A gestão do Santo Inácio se mostrou interessada em investir na formação desses docentes, mas as reuniões se restringiam a um sábado pedagógico por mês, o que não considerei suficiente para a demanda que os docentes acarretam.

Como descrevi anteriormente, a experiência do estágio havia despertado em mim um desejo de analisar mais profundamente o papel do professor na construção da vida educacional do sujeito da EJA. A análise das observações feitas durante o estágio e a busca de embasamento em outros autores, me fez entender a importância do professor estar sempre revendo sua prática pedagógica e que o ensino não deve ser algo apenas planejado, mas que pode ser modificado, alterado e revisto conforme a necessidade de cada turma.

O educando da EJA exige muito da presença do professor. É no professor que ele encontra a vontade de aprender, de ser alguém. Por isso, os laços afetivos são indispensáveis para o processo de ensino e aprendizagem, porém, não deve criar uma dependência dos alunos para com o professor.

O professor deve ser o facilitador da aprendizagem e não a aprendizagem em si. Pode ser o canal da aprendizagem, mas nunca deve reter em si toda "a sabedoria" e se tornar a única via de acesso ao saber.

Percebi durante as entrevistas, o interesse dos professores em se mostrarem assíduos nas aulas, a fim de incentivarem a permanência do grupo. Foi fundamental perceber como os professores buscavam estabelecer vínculos afetivos com os alunos, sejam nos devocionais antes das aulas (por ser uma escola filantrópica, o ensino religioso ficou bem evidente), sejam na hora do recreio.

Foram enriquecedoras as entrevistas com os docentes. Como futura pedagoga, pude rever e avaliar os objetivos desse trabalho e perceber a importância do professor na construção educacional do sujeito da EJA.

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação, uma troca de ideias e significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas.

Assim, segundo, tanto o entrevistado como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. Em uma entrevista, a visão pessoal do entrevistado, que possui o papel central, é explorada em detalhe, pois o que importa é a sua construção pessoal do passado, numa narrativa em construção. Ler e reler as falas dos professores foi motivador.

Através de análise da realidade pesquisada, verifiquei que o mundo do jovem e adulto que não teve acesso a educação é muito complexo. Percebi que, apesar de estar realizando a pesquisa dentro de uma escola da rede privada, a problemática desta modalidade não se distancia tanto das demais públicas.

A sala de EJA III, que mesclou alunos dos níveis I e II, apresentou no geral um problema só: o analfabetismo funcional. Tive a oportunidade de, no decorrer das aulas, perceber a crescente dificuldade dos alunos que progredia conforme o acúmulo de conteúdos.

Mesmo escrevendo quase todas as palavras, e lendo corretamente, qualquer texto se tornava um grande problema para a turma, e embora tenha percebido muitos momentos de esforço, algo a mais faltava para o sucesso das aulas.

O aproveitamento que foi feito para que os alunos dos níveis I e II fossem recolocados no EJA III, teve o lado positivo, que foi não deixar que esse público ficasse “de fora”, porém isto fez com que o roteiro de conteúdos da professora se tornasse inviável, pois a grande maioria dos alunos não estava preparada para receber, e isto se tornou mais claro e evidente quando acompanhamos o período de provas.

Acreditamos que a solução da problemática, seria um possível retorno ao nível que cada um se situa. O fato de seguir a grade de conteúdos independente da situação individual dos alunos, esta gerando uma situação insustentável e sem perspectivas de evolução em muitas instituições de ensino.

Durante este período, pude vivenciar problemáticas que vão muito além dos textos estudados na disciplina. Percebi que a importância do professor vai além da disponibilidade em sala. Requer estudo, planejamento e criatividade para lidar com o todo. Senti falta de um tempo direcionado ao aprofundamento dos conteúdos a serem trabalhados em sala.

Considerando-se que grande parte da população ainda não chegou à sala de aula em nosso país, que a educação escolar pode ajudar a construir cidadãos, e que o desenvolvimento

humano é questão de oportunidade. O professor tem um compromisso social de estudar e de apresentar alternativas para os problemas pedagógicos.

É preciso elaborar uma proposta juntamente com os alunos a fim de incluir assuntos que chegue mais perto de sua realidade. Traçar planos e metas a partir do interesse do educando. Tarefa desafiadora, pertinente, que pode ter resultado surpreendentes.

O tema do trabalho é amplo e a pesquisa foi restrita a um pequeno um inverso de entrevistados. Assim, são necessários novos estudos que possam aprofundar o conhecimento sobre as questões abordadas.

A mecanização dos conteúdos presente no método tradicional de ensino parece ser mais cômoda, porém não é eficaz. A prova disso é a quantidade de alunos que consideram o ensino sem sentido. Se não há sentido, não há porque aprender.

É necessário reverter essa visão. Cabe aos docentes adaptar os conteúdos a realidade de cada sala de aula. Esse é o principal desafio encontrado pelo educador. Enfim, as mudanças de nossas práticas somente acontecerão quando entendemos que existe a necessidade de que elas ocorram.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez: 2010.

ARANHA, M. L. **História da Educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna. 1996.

BRANDÃO, Carlos R. Aranha (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 34-41.

BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. *Pedagogia em foco*, Vitória 1993. Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 03 de maio de 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei LDB: de diretrizes e bases da educação: lei n. 9.394/96**. Apresentação Esther Grossi. 3. ed. Brasília: DP&A, 2000.

BRIDGES, Jerry. *Confiança em Deus mesmo quando a vida nos golpeia, aflige e fere*; [tradução Eros Pasquini Jr. E Enrico Pasquini]. – 1.ed. – São Paulo: NUTRA Publicações 2013.

CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre. Artmed, 2006.

Colégio Santo Inácio. Curso Noturno. Disponível em <<http://www.santoinacio.com.br/curso-noturno/>> Acesso em 27 de maio de 2016.

CONTRERAS, J. *A autonomia de professores*. São Paulo,SP: Cortez, 2002.

JARDILINO, José Rubens Lima e ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio (2014). *Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas*. Editora, Cortez.

LAPASSADE, G. (2001). L'Observation participante. *Revista Europeia de Etnografia de Educação*,1, 9-26.

LIBÂNEO, J. C. *Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas*. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIMA, Maria Socorro Lucena e SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco (2004). *Aprendiz da prática docente: A didática no exercício do magistério*. Rocha, Edições Demócrito.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*/Paulo Ghiraldelli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire – 52ª Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor*. In: _____ *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*/ Emília Ferreiro. – 26. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época: v.6)

FUNCK, Irene Terezinha. *Alfabetização de adultos. Relato de experiência construtivista*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOULART, CECÍLIA Maria Araújo. *A produção de textos narrativos, descritivos e argumentativos na alfabetização: evidências do sujeito na/da linguagem*. In ROCHA, G; VAL M. G. (Orgs). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de textos: o sujeito-autor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NICO, Maria Ângela. *O distúrbio das letras*. Revista Nova Escola. ano XV, nº 135 de setembro de 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. In Revista Brasileira de Educação. N. 12. Set., 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, nº 12, p.59 – 73.

Pedagogia libertadora de Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVp0UtZBy7A> Acesso em 27 de maio de 2016.

PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002a.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SPRADLEY, James P. (1980). *Participant Observation*. Orlando- Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers

SOARES, Magda (2010). Letramento: um tema de três gêneros. Autentica.